

“NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS”: UM BREVE ENSAIO SOBRE A INSUBORDINAÇÃO NA LITERATURA NEGRA

Cláudia Rocha da Silva

RESUMO: O presente texto propõe um diálogo sobre a ausência da Literatura Negra nos eventos literários, enfocando aspectos políticos e conceituais e a insubordinação literária das/dos escritoras/escritores, negras e negros, como mais uma categoria de análise para esta literatura. Teóricos (e alguns, também poetas e/ou romancistas) como Conceição Evaristo, Cuti, Eduardo de Assis Duarte, Maria Nazareth Fonseca, Mário Medeiros, Oswaldo de Camargo fundamentam a discussão conceitual. A poesia de Cristiane Sobral e José Carlos Limeira ilustram a discussão teórica.

ABSTRACT: The present text proposes a dialogue about the absence of Black Literature on literary events, focusing political and conceptual aspects, and the literary insubordination of the black writers, as a analysis category for this literature. Theoreticians (and some also poets and novelists) as Conceição Evaristo, Cuti, Eduardo de Assis Duarte, Maria Nazareth Fonseca, Mário Medeiros and Cuti, substantiate the theoretical discussion. The poetry of Cristiane Sobral and José Carlos Limeira illustrate the theoretical discussion.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura negra; Ausência; Insubordinação literária; Poesia.

KEYWORDS: Black Literature; Absence; Literary Insubordination; Poetry.

*“A vida é igual um livro. Só depois de ter lido
é que sabemos o que encerra.
E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos
como a nossa vida decorreu”
(Carolina Maria de Jesus)*

A Literatura Negra é, muito além de toda a sua presença, um lugar de ausências. Para abordar mais detalhadamente a afirmação ora posta, serão citados alguns acontecimentos relacionados a esta Literatura nos últimos anos. Para dar início ao diálogo, vamos recordar que, bem recentemente, aconteceu a Feira Literária Internacional de Paraty, evento literário de grande porte, no Rio de Janeiro. Neste ano de 2016, foi amplamente veiculado na mídia que a FLIP seria das mulheres (17 num total de 39 convidados). A princípio não haveria nenhum problema; ainda não é o ideal, mas já é um bom começo, em um universo dominado pelos homens. No entanto, uma polêmica se instaurou, inundando as redes sociais: a ausência de escritoras negras na programação oficial.

A Professora Giovana Xavier discute essa ausência no blog Conversas de Historiadoras em carta aberta à Festa Literária Internacional de Paraty – “Cadê as nossas escritoras negras na FLIP 2016?”. No texto ela constata: “Em um país de maioria negra e de mulheres, portanto de maioria de mulheres negras, é um absurdo que o principal evento literário do país ignore solenemente a produção literária das mulheres negras (...)” (XAVIER, 2016, s/p). Mais adiante, reitera:

(...) somos rechaçadas toda vez que assumimos papéis que para nós não foram pensados. No mercado editorial, que segue definindo a autoria como um lugar masculino e branco. Na Academia, onde nossas pesquisas são desqualificadas como militantes (como se isso fosse um problema)... (XAVIER, 2016, s/p)

Ronald Augusto postou um texto há pouco tempo, em uma rede social, sobre a temática da ausência literária negra em um evento, intitulado: “Escritores negros na 62ª feira do livro de Porto Alegre: quantos e quais?”. Como resposta, questionaram-lhe, na ocasião, se “escritor tem cor”, ao que ele respondeu: “escritor tem cor, sexo, CPF e RG”. Tal questionamento, para Augusto, é uma demonstração da “confiança na crença anacrônica de uma ‘arte pura’.” (AUGUSTO, 2016, s/p). Vale destacar que Paulo Colina, em 1987, ao prefaciar a obra *O Negro Escrito*, de Oswaldo de Camargo, trouxe a seguinte reflexão sobre esse mesmo tema:

Por experiência, sei que toda vez que o negro escrito aparece em um debate, uma conferência, palestra, surgem, de pronto, as perguntas de rotina: “Mas, por que literatura negra? Existe? A literatura tem cor?”. E sou obrigado a retroceder às análises que tenho feito desde que me confronto com o mundo. Para chegar à conclusão de que à sociedade pátria interessa o negro mudo.” (COLINA APUD CAMARGO, 1987, p. 11).

Podemos perceber, assim, o quanto continua incomodando ainda hoje a reivindicação por uma Literatura Negra, optando-se por tentativas recorrentes de apagamento e invisibilização desta Literatura, como também ocorreu na Feira do Livro de Frankfurt de 2013. Nesta edição da Feira, o Brasil era o país homenageado. Foram selecionados, na ocasião, 70 escritores para representar o País e, curiosamente, desse total, somente 02 eram negros: Ferréz e Paulo Lins.

Dessa forma, ao discutir a seleção destes escritores, Tenório enfatiza:

A argumentação de que os escritores são chamados para os eventos porque atendem a uma estética universal e de qualidade é falha, primeiro porque o “universal” é apenas mais uma visão construída por um “centro” que não costuma olhar para as margens. E, segundo, porque é preciso compreender que a falta de negros em eventos e festivais literários não é um problema estético. É um problema político. (TENÓRIO, 2016, s/p).

Esse problema político é o que define todos esses acontecimentos que giram em torno da discussão da cor na/da literatura. No caso específico da Feira de Frankfurt, o desconhecimento da totalidade da produção literária brasileira pelos órgãos oficiais impulsionou a escrita de um documento por Elisa Larkin Nascimento, representante do IPEAFRO (Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros), endereçada à Ministra da Cultura, na qual ela salienta:

Nesse momento, a imprensa e a mídia eletrônica se ocupam com a quase ausência de escritores negros e índios na representação brasileira na Feira de Frankfurt. Leio que a resposta de Vossa Excelência e do Presidente da Biblioteca Nacional às observações da imprensa alemã foi a de alegar que escritores negros não são publicados em língua estrangeira. Venho lhe informar que existe uma antologia de poetas brasileiros negros, publicada em alemão sob o título Schwartze Poesie / Poesia Negra, organizada por Moema Parente Augel com tradução de Johannes Augel (Köln: Editions Diá, 1988, 178 p., ISBN 978-3905482386). Há resenha em português na revista Fragmentos, v. 4, n. 2, pp. 135-8. (NASCIMENTO, 2013, s/p)

E, continua, logo adiante, a dar mais informações:

Somente nesta antologia, encontram-se publicados em alemão os seguintes 16 escritores negros do Brasil: Cuti, Oliveira Silveira, Adão Ventura, Oswaldo de Camargo, Ele Semog, José Carlos Limeira, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues, Lourdes Teodoro, Miriam Alves, Geni Guimarães, Márcio Barbosa, Jônatas Conceição da Silva, José Alberto, Jamu Minka, Arnaldo Xavier. A organizadora nos informa, por email datado de 5 de outubro de 2013, que na ocasião do lançamento a edição do livro esgotou na Alemanha em três meses, e que “algumas publicações na Alemanha feitas exclusivamente para a Feira estão dando destaque a esta Antologia.” (NASCIMENTO, 2013, s/p)

Portanto, Nascimento demonstra a inverdade nas alegações oficiais para justificar a quase ausência de escritores negros na Feira. Recorde-se, ainda, já que continua atual, a discussão levantada acerca da existência ou não de uma Literatura Negra no “duelo” entre os escritores Ferreira Gullar e Cuti, em 2011.

Na ocasião, Gullar negou a existência de uma literatura negra, em sua coluna na Folha de São Paulo, ao defender que “falar de literatura negra não tem cabimento. Os negros, que para cá vieram na condição de escravos, não tinham literatura, já que essa manifestação não fazia parte da sua cultura.” (GULLAR, 2011, s/p).

O escritor Cuti rebateu a crítica, dizendo que “pelo visto, a literatura, sendo a menina dos olhos da cultura, deve ser defendida da invasão dos negros” (CUTI, 2011, s/p). E, mais adiante, assevera:

Gullar, pelos seus argumentos, se coloca como um representante da encarquilhada maneira de encarar o Brasil sem a participação crítica do negro. E, como é de praxe, entre os encastelados no cânone literário brasileiro, incluindo os críticos, não ler e não gostar é a regra. Em se tratando de produção do povo negro, empinam e entortam ainda mais o nariz (...)
(CUTI, 2011, s/p)

Pode-se contrapor à crítica de Gullar o pensamento de Antonio Candido, ao afirmar que “a literatura aparece como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” (2011, p. 176). Nessa perspectiva, por que somente os negros não seriam possuidores de literatura? Com base em que pressupostos Ferreira Gullar tece a sua crítica e nega a existência de uma literatura negra? Estará ele sozinho nessa demanda ou sua tese é corroborada por tantos outros?

Questões daí derivadas há muitas, mas o que esperar, entretanto, de um campo literário onde o predomínio é de “autores brancos, de classe média, moradores de Rio e São Paulo, professores ou jornalistas

tas”?, conforme mostra a pesquisa realizada por Regina Dalcastagné, durante 15 anos, cujos resultados podem ser conhecidos em seu livro *Personagens do romance brasileiro contemporâneo*. Em seu estudo, 258 romances publicados entre 1990 e 2004 foram analisados e ela concluiu que 72,7% dos romances são de autoria masculina; desse total, 93,9% são escritores brancos. E mais, “além de o protagonista ser, na maior parte das vezes, representado como artista ou jornalista, os negros surgem quase sempre como marginais e, as mulheres, como donas-de-casa ou prostitutas” (DALCASTAGNÉ, 2012, s/p). Ou seja, a Literatura Brasileira é branca e masculina e, é possível supor, a percepção/concepção do campo literário também o é:

Nosso cânone literário é feito de brancos, de negros que não são vistos como tal (caso de Machado de Assis) e de negros deixados às margens (como Lima Barreto ou Cruz e Sousa). Se a literatura contribuiu historicamente para formar a identidade da nação brasileira, contribuiu seguramente para embranquecê-la. (DALCASTAGNÉ, 2014, p. 67)

Por tudo isso, “precisamos de escritoras e escritores negros, porque são eles que trazem para dentro de nossa literatura outra perspectiva, outras experiências de vida, outra dicção” (DALCASTAGNÉ, 2014, p.76). Estas “vozes negras” estão narrando “outras histórias” e

engendam diferentes formas de compreender e elaborar o mundo a partir de novas perspectivas históricas e sociais. Ao assumir o comando e a autoria de sua própria escrita, concorrerão para o estabelecimento de um sistema literário baseado na heterogeneidade, na pluralidade e na diversidade” (SARTESCHI, 2015, p. 385)

A questão está posta; cabe a nós, interessadas(os) numa democratização de acesso à Literatura Negra, torná-la visível, cotidianamente, através de ações contínuas e pontuais, nos espaços em que atuamos, dentro e fora da Academia, nas escolas, enfim, pois, a despeito da política de acobertamento que tem imperado, esta Literatura existe e resiste.

Importa, ainda, destacar a não-existência de um consenso acerca do conceito referente ao que denominamos Literatura Negra. Alguns teóricos defendem o uso do termo literatura afro-brasileira, outros literatura negro-brasileira, literatura negra e, ainda, há os que descartam adjetivações dessa natureza. Ainda que sem a possibilidade de um grande aprofundamento, é possível destacar o que dizem alguns destes teóricos sobre o assunto, trazendo, em alguns momentos, ilustrações poéticas.

Eduardo de Assis Duarte, idealizador do site Literafro (da Faculdade de Letras/UFMG, no qual pode-se encontrar informações sobre os principais escritores da Literatura Negra), afirma o seguinte:

Vejo no conceito de literatura afro-brasileira uma formulação mais elástica (e mais produtiva), a abarcar tanto a assunção explícita de um sujeito étnico – que se faz presente numa série que vai de Luiz Gama a Cuti, passando pelo “negro ou mulato, como queiram”, de Lima Barreto –, quanto o dissimulado lugar de enunciação que abriga Caldas Barbosa, Machado, Firmiana, Cruz e Sousa, Patrocínio, Paula Brito, Gonçalves Crespo e tantos mais. Por isso mesmo, inscreve-se como um operador capacitado a abarcar melhor, por sua amplitude necessariamente compósita, as várias tendências existentes na demarcação discursiva do campo identitário afrodescendente em sua expressão literária. Acredito, pois, na maior pertinência do conceito de literatura afro-brasileira (...). (DUARTE, 2010, p.121-aspas do autor)

Parece que uma das dificuldades postas acerca da Literatura Negra é definir, por exemplo, se essa Literatura é aquela escrita somente por escritores negros ou se é possível abarcar, também, os que não o são, mas navegam na temática racial negra.

Mais adiante, Duarte destaca alguns “traços distintivos” desta Literatura, a saber:

Uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afrobrasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. Alertando para o fato de que se trata de um conceito em construção (...) (DUARTE, 2010, p. 122).

O questionamento aqui se debruçará sobre os sentidos do termo afro, em afrodescendente, afrobrasileiro. Sobre esse uso do termo “afro”, Cuti (2010, p. 36) apresenta certa discordância, porque

São expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil.

Maria Nazareth Fonseca afirma, sobre a adjetivação desta literatura ora em foco:

As expressões “literatura negra” e literatura “afro-brasileira” são empregadas para nomear alguns tipos de produções artístico-literárias que podem estar relacionadas tanto com a cor da pele de quem as produz, como com a motivação dada por questões específicas de segmentos sociais de predominância negra e ou mestiça, e com o fato de nelas serem trabalhadas, com maior intensidade, questões que dizem respeito à presença de tradições africanas disseminadas na cultura brasileira. A literatura assume essas tradições como estratégias de reinvenção, como material que fomenta uma produção textual – em gêneros poéticos, narrativos e híbridos. (FONSECA, 2012).

Fonseca também aqui, transita conceitualmente entre a questão racial e a temática, adotando uma postura tão “flexível” como a de Duarte, no intuito de, ambas, serem includentes.

Mário Medeiros defende também a existência de uma Literatura Negra, focada na autoria. Ao traçar um histórico da Literatura Negra, Medeiros destaca que

A passagem de personagem – muitas vezes estereotipado negativamente – a autor – portanto, ocupando-se da criação literária – representará para os escritores e críticos defensores da ideia de literatura negra uma reversão simbólica e política importante. (MEDEIROS, 2014, p. 59).

Cuti (2010), por exemplo, defende o uso do conceito literatura negro-brasileira e destaca que esta é um “veio” da literatura brasileira, constituída a partir do “surgimento da personagem, do autor e do leitor negros”. Para ele, “o Brasil é de todos os brasileiros” e “a literatura negro-brasileira, do sussurro ao grito, vem alertando para isso, ao buscar seus próprios recursos formais e sugerir a necessidade de mudança de paradigmas estético-ideológicos” (CUTI, 2010, p.11-12).

Cuti salienta que, como herança da escravidão, ainda persiste a “ideologia da hierarquia das raças” e velhas “noções cristalizadas de superioridade racial”, no intuito de impedir a partilha do poder em um país étnica e racialmente plural. E a literatura é poder, “poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação.” (CUTI, 2010, p.12). Assim, para este autor,

a literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negros-brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado. (CUTI, 2010, p.13).

Cuti afirma, ainda, que

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o ‘lugar’ de onde fala. (CUTI, 2010, p. 25)

Neste texto adotamos, para esse posicionamento trazido por Cuti para referenciar o autor negro-brasileiro, o termo insubordinação, utilizado por Conceição Evaristo na abordagem da escrita de mulheres negras (EVARISTO, 2005, s/p) . Esta insubordinação na Literatura Negra (como um ato positivo e afirmativo, político-literário) pode ser percebida nos seguintes versos do poeta José Carlos Limeira:

*(...)Meu sonho não faz silêncio
E não é apenas promessa
Planta em mim mesmo, na alma
Palmares, Palmares, Palmares
Pelo que de belo, pelo que de farto
Muitos Palmares
Carrega como o vento escritos
Versos de Jônatas, Oliveira, Colina, Semog e Cuti
Alimenta e nutre
Lembrando que esta cor me mantém desperto(...).
(LIMEIRA, 1978, s/p).*

O sonho do poeta Limeira não é silencioso, traz em si as marcas do povo negro, seja na evocação do Quilombo de Palmares, espaço histórico singular de resistência negra , seja na evocação da poesia de Jônatas Conceição da Silva, Oliveira Silveira (Oliveira Ferreira Silveira), Paulo Colina (Paulo Eduardo de Oliveira), Ele Semog (Luiz Carlos Amaral Gomes) e Cuti (Luiz Silva). O que eles têm em comum? São todos

escritores negros, nascidos no século XX e militantes do Movimento Negro. (SEMOG, 2016, s/p)

Vale destacar que Cuti e Paulo Colina, ao lado de Osvaldo de Carmo e Abelardo Rodrigues, fundaram o Quilombhoje, em 1980, (o escritor Jorge Leuscano também participou de algumas reuniões deste grupo). O Grupo Quilombhoje, com uma outra formação (da inicial, só Cuti permaneceu), tornou-se responsável pela edição dos Cadernos Negros, um dos principais veículos de divulgação da Literatura Negra, em 1983, ainda que já fosse publicado desde 1978. (CUTI, 2010, p. 125-126).

O poeta Oliveira Silveira foi quem primeiro defendeu que o dia 20 de novembro fosse celebrado como Dia Nacional da Consciência Negra (SILVEIRA, 2003), porque essa data lembra a morte de Zumbi dos Palmares e é muito mais significativa do que o 13 de maio, por exemplo. Acerca dessa ação, Jônatas Conceição da Silva revela:

A importância de Oliveira Silveira para o Movimento Social Negro não se dá apenas no âmbito literário. Ele é um dos expoentes da militância negra dos anos setenta que deslocou o 13 de maio das comemorações oficiais por liberdade, afirmando o 20 de novembro como data símbolo visceral e vital para a população de origem africana no Brasil comemorar seus ideais libertários” (SILVA, 2004, p. 21)

Jônatas Conceição, além de militante ativo do MNU, atuou na Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê, em Salvador, tendo a preocupação de criar um projeto pedagógico no bloco, a título de extensão comunitária. O próprio Jônatas relata sua presença no ato de lançamento do MNU, ocorrido em 07/07/1978, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo e sua dedicação “para o processo de reconstrução e consolidação do Movimento Social Negro”, em Salvador (SILVA, 2004, p. 16).

O poeta Ele Semog é também militante, inclusive na literatura que produz:

Com um texto crítico, irônico, de cunho social e político, não perde a perspectiva das emoções e da condição vulnerável das pessoas frente às incertezas e certezas da existência. Ele Semog acredita que a literatura exige militância e nesse sentido, como escritor, participou de muitas atividades durante a resistência à ditadura militar. Fundou os grupos Garra Suburbana de Poesia e Teatro; Bate-Boca de Poesia e Negrícia Poesia e Arte de Crioulo. (SEMOG, 2016, s/p).

Vale destacar mais um poema de Limeira, no qual tece uma crítica contumaz a Monteiro Lobato, de forma sintética e afiada, como exemplo da “insubordinação” literária citada acima:

PARA MONTEIRO LOBATO

*Obrigado Agostinho Neto
foi preciso que o Sítio do Pica-Pau atravessasse o Atlântico,
para se desmascarar esse cretino. (LIMEIRA, 1978, s/p)*

Aqui, o poeta denuncia a face racista da obra de Lobato, mostrando que os leitores brasileiros não a percebiam e que foi necessário que sua obra fosse conhecida além-mar para que houvesse o desvelamento deste racismo subjacente aos textos do escritor.

Retomando a questão da ausência na/da Literatura Negra, pode-se reafirmar que é resultado de uma escolha política, considerando que, além da não-visibilidade nos eventos literários, há pouca divulgação pelo mercado editorial, estando ambas as ações fortemente imbricadas. Decorre, desse ciclo, a não-presença das escritoras negras na FLIP 2016, por exemplo.

A escritora Cristiane Sobral, em entrevista ao jornalista Dojival Vieira, editor da Afropress, destacou, sobre o tema da ausência, que “o poder de escolha está nas mãos dos críticos, geralmente de grupos sociais privilegiados e/ou especialistas centrados no cânone e

nos “mais vendidos”. São eles que acabam por decidir que autores devem ser lidos.” Ela salienta: “Sou escritora, tenho contado acima de tudo com os meus leitores, corro muito para estar ao lado deles nos eventos, nas redes sociais... Vender livros no Brasil é desafiante, se considerarmos que o nosso produto não sorri para o mito da democracia racial.” (SOBRAL, 2011, p.23)

Certamente, mudar esse enredo não tem sido fácil, mas hoje, para além do esforço pessoal de quem produz Literatura Negra no país, é possível (ou deveria ser) contar com o sistema de ensino, com as políticas públicas implementadas nos últimos anos, de modo especial, das ações afirmativas, tais como as cotas raciais para ingresso nas Universidades e a sanção da Lei 10.639/03, a qual alterou a LDB, a fim de garantir a inclusão da História e da Cultura do povo negro no currículo oficial (esta Lei encontra-se ameaçada de revogação no governo atual). Desta forma, é possível um maior (re)conhecimento de escritoras e escritores negras e negros, como Aline França, Carolina Maria de Jesus, Cidinha da Silva, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Hildália Fernandes, Lívia Natália, Mirian Alves, José Carlos Limeira, Ele Semog, Cuti, Landê Onawale, Oswaldo de Camargo, Allan da Rosa, Ferrez, Sérgio Vaz, Paulo Lins, dentre tantos outros.

Por fim, assim como Limeira, poeta supracitado, Cristiane Sobral bem traduz, no poema abaixo, as consequências do(s) movimento(s) libertário(s), principalmente os ligados à Literatura Negra, à consciência do seu “eu”, do seu valor e do seu lugar, pois “não lavar mais os pratos”, representa, a nosso ver, um ato de insubordinação, insurgência e rebeldia, não somente para as mulheres negras que não querem mais ficar circunscritas ao espaço doméstico, aos lugares subalternos e marginalizados que lhe foram impostos pelo sistema patriarcal de forma violenta, (como podemos observar, de modo especial, na “escrevivência” de Carolina Maria de Jesus, autora da epígrafe que abre esse texto), mas é, também, um ato muito caro para aquelas e aqueles “excluídos” da História oficial, mas que, cotidianamente, lutam contra essa tentativa de exclusão, com seus versos e suas histórias, para forjar sua escrita e dizer sua presença.

NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS

Não vou mais lavar os pratos
Nem vou limpar a poeira dos móveis
Sinto muito. Comecei a ler.
Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi
Não levo mais o lixo para a lixeira.
Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal
Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos, a
estética dos traços, a ética,
A estética
Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros,
mãos bem mais macias que antes,
E sinto que posso começar a ser a todo instante.
Qualquer coisa
Não vou mais lavar. Nem levar.
Seus tapetes para lavar a seco.
Tenho os olhos rasos d'água
Sinto muito.
Agora que comecei a ler, quero entender
O porquê, por quê? E o porquê
Existem coisas. Eu li, e li, e li. Eu até sorri
E deixei o feijão queimar...
Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto
Considere que os tempos agora são outros...

Ah,
Esqueci de dizer. Não vou mais
Resolvi ficar um tempo comigo
Resolvi ler sobre o que se passa conosco
Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou
De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi,
Você foi o que passou
Passou do limite, passou da medida, passou do alfabeto.

Desalfabetizou

*Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira
Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá para cá
Desinfetarei as minhas mãos e não tocarei suas partes moveis*

Não tocarei no álcool

*Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler
Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar*

Meu tênis do seu sapato,

Minha gaveta das suas gravatas

Meu perfume do seu cheiro

Minha tela da sua moldura

*Sendo assim, não lavo mais nada,
e olho a sujeira no fundo do copo.*

Sempre chega o momento

De sacudir, de investir, de traduzir

Não lavo mais pratos

Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo,

Em letras tamanho 18, espaço duplo.

Aboli

Não lavo mais os pratos

Quero travessas de prata, cozinhas de luxo

E joias de ouro.

Legítimas

Está decretada a lei áurea.

(SOBRAL, 2011, p.23)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Ronald. “Escritores negros na 62 feira do livro de Porto Alegre: quantos e quais”. In: *Poesia-pau*. Disponível em: <<http://poesia-pau.com.br>>

-pau.blogspot.com.br/2016/07/escritores-negros-na-62-feira-do-livro.html?fb_ref=Default>. Acesso em: 09 de jul. 2016.

COLINA, Paulo. “Prefácio”. In: CAMARGO, Oswaldo de. *O Negro Escrito: Apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Assessoria de Cultura Afro-Brasileira; 1987.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5ª edição, corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azu; 2011.

CUNHA, Eneida Leal. “Apresentação”. In: SILVA, Jônatas da Conceição. *Vozes Quilombolas – uma poética brasileira*. Salvador: EDUFBA: ILÊ AIYÊ; 2004, p. 11-22.

CUTI. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro; 2010.

CUTI. “A empáfia do Poeta Gullar”. In: *Buala*. 2011. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/a-ler/polemica-acerca-de-literatura-negra-brasileira>>. Acesso em 12 de Jul. de 2016.

DALCASTAGNÉ, Regina. “Porque precisamos de escritoras e escritores negros?” In: SILVA, Cidinha da (org.). *Africanidades e Relações Raciais: Insumos para Políticas Públicas na Área do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares; 2014. p 66-69.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura é coisa de branco?* Entrevista a Ronaldo Bressane. In: *Revista Cult*. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/12/literatura-brasileira-e-coisa-de-branco/> . Acesso em 10 de Jul. 2016.

DUARTE, Eduardo de. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. In: *Terceira Margem*. Rio de Janeiro, Número 23, p. 113-138, julho/dezembro 2010. Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.revistaterceiramargem.com.br/index.php/revistaterceiramargem/article/view/60/72> . Acesso em 18 de Jul. de 2016.

EVARISTO, Conceição. “Da Grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita”. In: *Nossa Escrivivência*. 2005. Disponível em: <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-deseenho-de-minha-mae-um-dos.html>>. Acesso em 14 de Nov. de 2016.

EVARISTO, Conceição. *Gênero e Etnia: uma escrevi(vência) de dupla face*. Texto apresentado na mesa de escritoras convidadas do I Seminário Internacional Mulher e Literatura. João Pessoa: UFPB; 2003.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Poesia afro-brasileira – vertentes e feições”. In: *Vinteculturaesociedade – Uma Perspectiva Negra*. 2012. Disponível em: <https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2012/03/17/poesia-afro-brasileira-vertentes-e-feicoes> . Acesso em: 18 de jul. 2016.

GULLAR, Ferreira. *Preconceito Cultural*. São Paulo: Folha de São Paulo, Caderno Folha Ilustrada; 04 de Dez. 2011.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves; 1960, p. 160.

LIMEIRA, José Carlos Limeira. “Meu sonho não faz silêncio”. In: LIMEIRA, José Carlos; SEMOG, Ele. *O arco-íris negro*. São Paulo: Ed. dos autores; 1978.

MEDEIROS DA SILVA, Mário Augusto. “Literatura Negra e Literatura Marginal Periférica: sobre intersecções e fraturas”. In: SILVA, Cidinha da (org.). *Africanidades e Relações Raciais: Insumos para Políticas Públicas na Área do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares; 2014, p. 56-65.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Carta dirigida pelo IPEAFRO à Ministra da Cultura, Marta Suplicy, referente ao Festival de Herança Negra de Lagos e Feira de Frankfurt*. Rio de Janeiro: IPEAFRO; 08 de outubro 2013. Disponível em: http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2014/09/carta_8outubro2013.pdf. Acesso em 16 de Nov. de 2016.

SARTESCHI, Rosângela. “Caminhos da Resistência literária em seis poetas negros contemporâneos brasileiros”. In: *Revista Via Atlântica*, São Paulo, n.27; 2015, p. 383-397.

SEMOG, Ele. “Trajetória e Militância”. In: *Ele Semog – Poeta, Escritor, Ativista*. Disponível em: <http://elesenmog.com.br/a/index.php/trajetoria/militancia>. Acesso em 14 de Nov. 2016.

SILVA, Jônatas da Conceição. *Vozes Quilombolas – uma poética brasileira*. Apresentação: Eneida Leal Cunha. Salvador: EDUFBA: ILÊ AIYÊ; 2004.

SILVA, Zoraide Portela. “Por uma poética da diferença: a escrita quilombola de José Carlos Limeira”. In: FERREIRA, Elio; MENDES, Algemi- ra de Macedo (orgs.). *Literatura Afrodescendente: Memória em construção de identidades*. São Paulo: Quilombhoje; 2011, p. 203-214.

SILVEIRA, Oliveira. “Vintedenovembro: história e conteúdo”. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto. *Educação e Ações Afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília-DF; 2003, p. 21-41.

SOBRAL, Cristiane. “Nova expressão da literatura negra, para Cristiane Sobral escrever é resistir. Entrevista a Dojival Vieira”. In: *AfroPress– Agência de Notícias online*. 2013. Disponível em: <http://www.afropress.com/post.asp?id=14519>. Acesso em 12 de Jul. de 2016.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Ed. do Autor, 2011, p. 23.

TENÓRIO, Jeferson. “Qual a cor da Literatura”. In: *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 06 de Ago. 2016. Acesso em 14 de Nov. 2016.

XAVIER, Giovana. “Carta aberta a Festa literária internacional de Parati - Cadê as nossas escritoras negras na FLIP 2016”. In: *Conversa de Historiadoras*. Disponível em: <<https://conversadehistoriadoras.com/2016/06/27/carta-aberta-a-feira-literaria-internacional-de-parati-cade-as-nossas-escritoras-negras-na-flip-2016>>. Acesso em 11 de Jul. 2016.

REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Parecer CNE/CEB nº 6/2011 - Reexame do Parecer CNE/CEB nº 15/2010, com orientações para que material utilizado na Educação Básica se coadune com as políticas públicas para uma educação antirracista*. Jun de 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8180-pceb-006-11-pdf&category_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192> Acesso em 14 de Jul. 2016.